



V CONGRESSO NACIONAL DE
EXCELÊNCIA EM GESTÃO

2, 3 e 4 de Julho de 2009

ISSN 1984-9354

GRAFOLOGIA - UMA FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE CANDIDATOS

Mônica Barciela Pimenta
(Universidade Federal Fluminense)

Resumo

Em um mundo globalizado, onde as ferramentas tecnológicas estão ao alcance de todos, as organizações precisam criar diferenciais competitivos. Seguindo esta premissa, atrair e reter profissionais talentosos é uma estratégia necessária. A Grafologia, como ferramenta de avaliação em um processo seletivo, vem contribuir para que o setor de Recursos Humanos possa dar um melhor suporte aos gestores na escolha destes profissionais. Contudo, exatamente por estarmos em uma era digital, a prática da redação manuscrita vem caindo em desuso, e este estudo visa contemplar esta variável no processo da escrita e conseqüentemente no processo de avaliação grafológica.

Palavras-chaves: Grafologia. Recursos Humanos. Processo da Escrita

1 INTRODUÇÃO

As organizações, em um cenário mundial, vivem hoje a era da informação. Voltadas para o investimento em tecnologia visam agilizar seus processos e buscar resultados rápidos, tornando-se mais competitivas. Para BERGAMINI e BERALDO (1988, p. 31): “A organização pode ser entendida como uma realidade social, integrada por diferentes pessoas, que se comportam realizando atividades, isto é, trabalham, no sentido de produzir um resultado final comum, ou seja, atingir os objetivos do empreendimento.”

No Brasil, os profissionais das áreas de recursos humanos estão canalizando suas atividades com vistas ao alinhamento estratégico da empresa. Trata-se, na verdade, de um processo contínuo, onde métricas direcionam e norteiam as ações a serem desenvolvidas. Estar conectado e adotar ferramentas que otimizem tais processos torna-se imprescindível, tendo em vista um mercado cada vez mais exigente. A tecnologia e a inovação são aspectos fundamentais para alavancar o desempenho das organizações, o diferencial competitivo está na capacidade interna de cada empresa e do desempenho de seus colaboradores, para MATOS e PORTELA (2001, p. 13):

“O prazer é o combustível da produtividade. Quando ele não permeia a nossa existência em todos os seus papéis, o sentido da vida, o motivo para viver, desaparecem, bem como a produtividade das organizações que, diariamente questionam-se, buscando maneiras de melhorar a performance dos seus profissionais.”

Do recrutamento à seleção de candidatos e na retenção dos colaboradores, cada etapa deve ser planejada e estruturada. As ferramentas devem ser escolhidas de modo a atender as especificidades dos cargos e das empresas e, acima de tudo, trazer resultados mensuráveis. FAISSAL et al (p.91), abordam os instrumentos que auxiliarão o selecionador em sua decisão final:

“Há uma grande variedade de técnicas de seleção ao alcance dos profissionais de gestão de pessoas. Podemos agrupar as mais utilizadas nas

seguintes categorias: testes, dinâmicas de grupo e entrevistas. () a utilização de técnicas em processos de seleção baseia-se no seu valor de predição, ou seja, na suposição de que há uma estreita correspondência entre o desempenho obtido pelo candidato nas técnicas aplicadas e seu desempenho futuro no trabalho.”

É neste universo que a gestão com pessoas se torna indispensável. A grafologia como instrumento de avaliação, auxilia no processo de identificação dos talentos, daqueles que possuem melhores condições para atender as demandas da função e de determinado cargo nas organizações.

Nas páginas que se seguem, cenários e conceitos serão apresentados, objetivando dar uma visão ampla do que é a grafologia e de como ela se integra no processo de recrutamento e seleção de candidatos. O artigo também permeia a tecnologia e a influência desta no processo da escrita e, conseqüentemente, na avaliação grafológica ao longo das etapas de recrutamento e seleção de candidatos nas organizações.

2 JUSTIFICATIVAS DO TRABALHO

O tema em questão aborda a história de uma ciência que desde o século XI, na China vem sendo praticada. Ao longo dos séculos estudiosos: teólogos, médicos e psicólogos evoluíram no estudo da grafologia, que no Brasil ainda não é reconhecida. Tramita pela Câmara dos Deputados um projeto de lei para o reconhecimento da grafologia como profissão.

Os estudos grafológicos são aplicados em quase todos os campos das atividades humanas: criminologia e perícia caligráfica, medicina e psiquiatria, seleção de pessoal em empresas, pedagogia, orientação vocacional, orientação pré-matrimonial e matrimonial e no conhecimento do homem em sua forma mais ampla. Sua abrangência é grande, e adaptada à necessidade de cada área.

A utilização da grafologia nas organizações é vantajosa, pois a ferramenta pode ser aplicada, mesmo em grandes distâncias, e não se precisa da presença do candidato. Conhecer a personalidade através da letra, nos fornece maiores subsídios para identificar os talentos, e avaliar a adequação do candidato à cultura e ao perfil do cargo desejado pela empresa.

Como a grafologia avança no Brasil, a questão levantada nesta pesquisa, com relação à influência da tecnologia poderá contribuir com as áreas de recursos humanos, no que se refere a se legitimar a credibilidade e fidedignidade da referida ferramenta em um processo avaliativo.

MIRANDA (2004, p. 11), acrescenta: “A preocupação com os valores do comportamento humano, com as finalidades e os motivos de suas ações constitui, muito sumariamente, o campo da ética. Portanto, nela está implícito o conceito de *melhor conduta*.”. Cabe ressaltar neste artigo, que a questão ética do profissional que realiza a avaliação grafológica, precisa ser levada em conta, pois apesar de ciência, o método pode ser influenciado pela subjetividade do autor da avaliação, preferindo ou preterindo um candidato a outro no processo de recrutamento e seleção. TEILLARD (1974, p.25) resume: os problemas da grafologia são inseparáveis dos do grafólogo, de um lado como de outro, esses problemas são de ordem psicológica.

3 METODOLOGIA

O método utilizado para o estudo, se baseia no paradigma hipotético-dedutivo, segundo Aristóteles (1999, seção 18): “[...] é útil para os argumentos indutivos, porque é por meio de uma indução de casos individuais semelhantes que pretendemos pôr em evidência o universal [...] é útil para os raciocínios hipotéticos porque, entre semelhantes, de acordo com a opinião geral, o que é verdadeiro de um é também verdadeiro dos demais”.

BOAVENTURA (1999, p.6), contribui: “[...] ao contrário da ciência aristotélica, a ciência moderna desconfia sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata.”. E ainda: “[...] os protagonistas do novo paradigma conduzem uma luta apaixonada contra todas as formas de dogmatismo e de autoridade”. Tal afirmativa enriquece a idéia de que se pode construir e reconstruir os referenciais, de modo a obter novas formas de percepção.

Cabe destacar, um trecho do livro *Como se faz uma Tese*, de Umberto Eco (p. XII), escrito por Lucrécia D'Aléssio Ferrara:

“A tese é, em primeira mão, uma descoberta da arquitetura reflexiva presente em toda investigação [...] Ciência e arte dialogando concretamente no dia a dia de cada página que se volta nos fichamentos bibliográficos, em todo o conhecimento compilado na tradução de uma hipótese, na ousadia de uma montagem metodológica, na humildade de quem desconfia do que descobriu, na segurança de poder ir além: descoberta como invenção, resposta contida na pergunta e, sobretudo o prazer do jogo. A Tese tem algo a ver com a invenção. Uma receita às avessas: a descoberta.”

Estas palavras ilustram a grandeza do pensamento deste professor e pesquisador, que neste ensaio baseou-se em suas experiências de sala de aula, na troca riquíssima que advém da relação professor-aluno. Ele nos traz a idéia de olharmos com outros olhos o que já foi lido, sem perder a postura crítica diante de tudo, e sem cerceamos nosso laboratório de idéias com regras impostas. Ele sugere, na verdade, uma anti-receita.

Quanto aos fins, a pesquisa é descritiva e quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica, segundo VERGARA (2006, p. 48). Os dados, de fontes primárias e secundárias, estão considerados simultaneamente já que foram utilizados para efeito de pesquisa, livros, artigos e pesquisa da Internet. Vale ressaltar ECO (1989, p. 39): “Uma fonte de primeira mão é uma edição original ou uma edição crítica da obra em apreço.” E quanto à fonte secundária, ECO (1989, p. 41): “O problema, quando se recorre a fontes de segunda mão [...] é controlar sua multiplicidade e averiguar se uma dada citação ou menção de um fato são confirmadas por diferentes autores.”

Os dados aqui apresentados foram tratados de forma qualitativa, já que estão com embasamento teórico sob o ponto de vista de diversos autores. O intuito é situar o leitor no universo de um processo de recrutamento e seleção, utilizando a grafologia como ferramenta no processo avaliativo.

3.1 Limitações do Estudo

A grafologia ainda não é reconhecida como profissão no Brasil, por isso grande parte da literatura sobre o tema é pautada em autores estrangeiros. Temos poucos autores nacionais, que estudam e trabalham com a grafologia no dia-a-dia das empresas, e que buscam disseminá-la em nosso país. Outro aspecto a considerar, é que não há estudo e literatura sobre a influência da tecnologia no processo da escrita. Sabe-se que este tema já vem sendo discutido no exterior.

Há de se destacar ainda, a subjetividade da interpretação do pesquisador, que por sua trajetória de vida, pode influenciar no trato dos dados e das fontes. Obviamente, procura-se manter um certo distanciamento e uma humildade científica, que ECO (1989, p. 112) comenta, pois quando queremos fazer uma pesquisa, não podemos desprezar nenhuma fonte.

4 GRAFOLOGIA: DEFININDO CONCEITO

Este tópico pretende definir a grafologia, para melhor compreensão da pesquisa. Etimologicamente, a palavra é formada pelos vocabulários gregos *graphein* (escrever) ou *graphos* (escrita) e *logos* (tratado), relata XANDRÓ (1997, p. 23). E complementa: “A Ciência Grafológica é tão antiga quanto o primeiro escrito realizado pela mão humana.”. Em seu dicionário de grafologia, VELS (1991, p.39) conceitua que a grafologia é uma ciência que tem como objetivo o estudo do caráter, do temperamento e da personalidade, mediante análise e interpretação dos aspectos de movimento, espaço e forma na escrita manuscrita. Segundo XANDRÓ (1997, p. 21):

“[...] a Grafologia é um dos diversos ramos que parte da psicologia experimental e descobre nas particularidades da caligrafia pessoal e íntima as equivalências mímicas que elas representam, e é equiparável ao tom de voz, ao gesto ou ademanes¹, ao passo ou à fisionomia. Do mesmo modo que todas as ciências mencionadas, investiga a alma humana, com seu cortejo de vícios e virtudes, aptidões, etc”.

¹ Ademanes = s.m. pl. Gestos; trejeitos, acenos; sinais, conforme XANDRÓ (1997)

Há uma correlação entre os conceitos de XANDRÓ e VELS, que traduzem uma ciência antiga e ao mesmo tempo contemporânea, utilizada até hoje, em muitas empresas como fonte de avaliação de candidatos nos processos de recrutamento e seleção. Em destaque também, uma obra clássica na literatura sobre grafologia escrita por TEILLARD (1974, p. 19), onde ela menciona que existem relações entre os diversos símbolos grafológicos que compõe o traçado individual e o psiquismo do escrito. Essas relações não são de ordem matemática e não se pode estabelecer unicamente por métodos científicos. A coordenação entre os símbolos gráficos e seus significados psicológicos, permite combinações sensatas que oferecem com resultado um retrato semelhante ao escrito.

Sob a ótica de CAMARGO (1999, p. 15), grafólogo brasileiro: “A Grafologia pode ser definida como a avaliação da personalidade e do caráter com base na escrita.” CAMARGO e FERNANDES (2002, p. 93) ressaltam que: “[...] a grafologia é uma disciplina de caráter experimental cujas leis são elaboradas por indução sobre a base de uma conveniente experimentação. As leis grafológicas têm, como todas as leis científicas, caráter relativo, e não positivamente absoluto. Além disso, a grafologia é uma ciência do tipo psicológico, uma vez que a dimensão quantitativa, objetiva, se faz acompanhar de uma dimensão intuitiva, subjetiva, própria das ciências humanas”.

CAMARGO (1999, p.13) destaca que a grafologia vem se tornando o mais confiável instrumento de auxílio ao recrutamento e seleção de recursos humanos, na atualidade, em nosso país. E destaca algumas empresas que utilizam a técnica: Bank of América, Citibank, Coca-Cola, Ford Motor, FBI, General Eletric, IBM, Firestone, Nestlé, Renault, Peugeot Motors, Toyota, os laboratórios farmacêuticos: Roche e Smithkline, e ainda Sul América Capitalização, Elevadores Schindler, Banco Francês-Brasileiro e Banco Real. Acrescento, ainda, a esta lista o nome da H. Stern Joalheiros.

SANTOS e LOEVY (1987) acrescentam que: “A Grafologia não só nos permite conhecer o indivíduo, mas também, por exames de amostras sucessivas, possibilita-nos seguir-lhe a evolução, o desenvolvimento psíquico, quando este se realiza.” e complementam:

“A escrita de fato pode revelar o íntimo do ser pois, com nosso gesto gráfico, estamos exprimindo vivamente nosso psiquismo, embora não nos estejamos dando conta disso. Isso acontecerá ainda quando, esforçando-nos, procurarmos tentar fazer uma grafia muito diferente da nossa habitual.

A escrita se faz conforme gestos muitíssimos variados e tantos, que será praticamente impossível não nos revelarmos através deles, mesmo neste caso.”

Ainda reforçando esta posição, XANDRÓ (1997, p. 36) contribui: “Precisamente, quando o inconsciente é forte, a escrita se produz artificiosa, o sujeito tem domínio de si e sua escrita se mecaniza, torna-se monótona. O Dr. Pellat, por motivações devidas às perícias caligráficas e ao estudo de escritos anônimos, afirma que as primeiras linhas e movimentos do ato de escrever são mais conscientes que as finais e que precisamente nas últimas linhas são mais encontráveis os conteúdos involuntários e inconscientes que costumam denunciar os autores de escritos anônimos ou de falsificações.”

5 PROCESSO DA ESCRITA

Apresenta-se neste tópico o processo da escrita sob perspectivas diferenciadas para o melhor entendimento deste ato associado à grafologia. Com base nas grafólogas SANTOS e LOEVY (1987, p.5):

“Aprendemos a escrever a partir de alguma norma. Antigamente se falava em modelo escolar, hoje se diz escrita inicial. A escrita inicial variou sempre de escola para escola e de país para país, e de uma para outra época. À medida que nossa personalidade se vai desenvolvendo, vamos nos afastando, sem pensar, do modelo aprendido, independentemente de qual ele tenha sido. Este afastamento se dá em graus variáveis, conforme as pessoas [...] nossa personalidade, no entanto, quando mais ou menos amadurecida, faz nossa grafia escapar-lhe sempre, aqui e ali, num traço ou noutro, e isto a ela confere um cunho altamente individual.”

CAMARGO (1993, p.12) reforça: “Para a grafologia, a escrita é mais que uma linguagem individual. É uma série de atos, um registro gráfico e vivo de nossos movimentos.” Isto se confirma na medida que, mesmo sem prática, podemos identificar um texto escrito por familiares, pais, professores, amigos apenas observando a letra.

Em destaque um trecho de HARPER et al (1993, p. 75) que resume a importância do convívio social para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, o que lhe confere traços de personalidade únicos:

“Quando a criança chega à escola, ela já traz consigo experiências, atitudes, valores, hábitos de linguagem, que constituem e refletem a cultura de sua família e de seu meio social. O desenvolvimento de sua inteligência, de sua personalidade, de sua afetividade, foi construído pela assimilação destas atitudes e destes valores.”

O processo da escrita se dá ainda na fase escolar, assim com a linguagem oral, a linguagem escrita, é um produto social. VAYER (1982, p. 33) confirma que: “[...] o ser humano, partindo do primeiro desejo, se desenvolve através da comunicação, isto é, através das trocas que ele assegura com o meio”. Segundo ENDERLE (1987, p.91) “A alfabetização e a escrita exigirão mais do que a motricidade da criança nesta fase [...] entre oito e dez anos pode se falar em ‘mecanização’ [...] capacidade de reproduzir sem interrupções, um mesmo movimento, com a continuidade.”

VAYER (1982, p.61), acrescenta: “Antes de ser carregada de significação e de tornar-se linguagem escrita, a escrita é, essencialmente, uma coordenação de movimentos finos e precisos em relação com a organização seqüencial dos sinais; tanto quanto a organização funcional da mão.” Trata-se de um modo de comunicação sistematizado e complexo que permite à criança que a assimilou, ter acesso à informação, de uma forma autônoma. Fundamentando-se ainda em VAYER: “A linguagem oral, como a linguagem escrita, constitui uma base para a integração dos conhecimentos e sua memorização [...]. Esta base de referência sendo um produto social, as linguagens oral e escrita, tornam-se um meio de aceder a informação trazidas pela cultura, e, igualmente, um meio de participar da cultura da sociedade.” Vale destacar que a alfabetização e a mecanização da escrita podem ser dar em diversas etapas do desenvolvimento infantil e do adulto.

A apresentação do processo da escrita sob a perspectiva da neurofisiologia contribui para o entendimento desta habilidade de linguagem através dos mecanismos de funcionamento do cérebro humano. De acordo com FUJITA e GREGORIO (1988, p.57): “É através do cérebro que

adquirimos as capacidades intelectuais e passamos a atuar sobre o meio, não apenas em busca de satisfazer nossas necessidades básicas, como os animais, mas, também, de questionarmos e atuarmos sobre ele, através do pensamento, da linguagem, do uso habilidoso das mãos e, através do aprimoramento de cada capacidade individual, nos reunirmos em organizações sociais e desenvolvermos a cultura.” E complementam JAKUBOVICZ e CUPELLO (1996) apud NEGRÃO [199-?]:

“A escrita envolve o pólo receptivo visual, no caso da cópia, e o pólo auditivo no caso do ditado, sendo em ambos o movimento dos dedos e das mãos, o pólo expressivo. Segundo o autor há uma área pré-motora situada à frente da área motora da mão que é responsável por organizar os atos motores para a escrita nos processos de ditado, cópia e geração endógena².

HONROTH (1967, p. 15) acrescenta uma variável ao processo da escrita, afirmando que, levando-se em conta que o centro motor da escrita, situado no córtex cerebral está intimamente conectado com os pensamentos e as sensações, e o homem quando escreve projeta esses sentimentos e suas correspondentes sensações, o seu grafismo refletirá um estado circunstancial de seu psiquismo, determinando uma projeção. Seja quando quem escreve, registra aquilo que lhe é particularmente agradável ou desagradável, que lhe causa prazer ou desprazer, ou quando é algo que deseja encobrir ou dissimular.

6 TECNOLOGIA

A tecnologia é uma demanda cada vez mais atual no mundo das organizações, trabalhar com sistemas interligados ou estar conectado na grande rede mundial que é a *internet*, é imprescindível para acompanhar a propagação das informações.

Se considerarmos as diferentes técnicas de comunicação ao longo da história, utilizadas pelo homem, conforme LEWGOY e ARRUDA (2003) podemos citar as seguintes fases do desenvolvimento: a oral, a escrita e agora a digital. De fato, a aceleração tecnológica altera nossa concepção de tempo e espaço. LEWGOY e ARRUDA (2003), exemplificam:

² “Quando o indivíduo descreve seu pensamento”, segundo JAKUBOVICZ e CUPELLO (1996) apud NEGRÃO [199-?].

“A velocidade da mídia eletrônica instaura uma nova forma de experienciar o tempo, substituindo a noção de tempo-duração por tempo-velocidade. O tempo advindo das novas tecnologias é marcado pela interatividade on-line, pela comunicação em tempo real, o que altera nosso sentido cultural de tempo e espaço. Uma das razões para o e-mail ter ganhado esse status na comunicação digital foi a velocidade e a assincronia que lhe são peculiares. Através desse meio, a comunicação assíncrona se dá no tempo da disponibilidade do usuário.”

Há outro ponto de vista levantando por LÉVY (2000) apud LEWGOY e ARRUDA, quando o alfabeto foi inventado só se dispunha de suportes fixos e, agora, dispomos de suportes maleáveis e dinâmicos, o que para o autor traz maiores benefícios pela agilidade que imprimem à nossa inteligência. É uma ideografia dinâmica que explora completamente a inteligência a partir de uma linguagem animada.

LEWGOY e ARRUDA (2003) consideram que: “O hipertexto³ [...] possibilita a ruptura com o pensamento linear e com as formas de escrita até então conhecidas, pois inclui uma outra lógica de construção, que permite articular várias habilidades simultaneamente. A complexidade desta tarefa pode ampliar a cognição humana, propiciando novas possibilidades de criação, tendo em vista os processos de simulação, hipertextos e multimídia.”⁴

Podem ser enumeradas diversas inovações tecnológicas presentes no cotidiano, e ainda há de se considerar as que estão por vir como novos recursos de comunicação nesta crescente conectividade. Comenta-se sobre um novo *kit* formado por caneta e papel digitais lançado na primeira semana de junho de 2007, nos Estados Unidos. Nos testes, mostrou-se eficaz na função básica, a de repassar anotações manuscritas para o computador, seu inventor *Jim Margraff*, da *LiveScribe*, está convicto que seu *kit*, será popular entre os estudantes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

³ O hipertexto é uma técnica de armazenamento e apresentação da informação baseada num sistema de referências cruzadas que formam uma rede de associações que ligam texto, imagens, sons e ações, permitindo ao utilizador procurar e encontrar itens relacionados e circular entre eles facilmente, ativando palavras-chave que dão acesso a outros documentos, segundo BARBOSA (2005).

⁴ Disponível em: <<http://caioba.pucrs.br/fass/ojs/include/getdoc.php?id=164&article=38&mode=pdf>>. Acesso em 17 set. 2007.

É fato que o futuro é digital, e o avanço tecnológico trouxe ambientes virtuais que influenciam diretamente o comportamento da sociedade, seja nas relações sociais ou no universo dos negócios. Relações estas que se dão, na maioria das vezes, de forma distante, tendo em vista a falta do contato humano, o “olho no olho” está cada vez mais raro, seja pela dificuldade do indivíduo de se relacionar, seja pela comodidade de não se expor, e de experimentar uma relação enriquecedora que é a relação humana, ou mesmo como forma de agilizar negócios, tendo em vista a freqüente preocupação em otimizar o tempo, mas este é outro tema de estudo, que não caberá neste artigo.

Uma variável importante é a mudança retratada no tempo e no espaço. As distâncias se encurtaram e por isso a velocidade com que as informações nos chegam se torna imensurável, de posse de tantas informações, se dá uma reordenação das estruturas cognitivas. Aprender só não basta, é preciso solidificar a aprendizagem modificando o comportamento, mesmo que este não se evidencie imediatamente. É necessário aprender uma nova forma de aprender, para acompanhar um ritmo que é imposto pela tecnologia.

Na realidade das organizações percebe-se um forte impacto da tecnologia, mas também um estoque de conhecimento acumulado pelos colaboradores, este capital humano é intangível, não há como medir e atribuir um valor a eles. As organizações passam a assumir a educação e o desenvolvimento de seus colaboradores ou perdem espaço no segmento onde atuam, perdendo inclusive, bons profissionais para este mercado.

Cabe às empresas atrair e reter bons profissionais, que estejam alinhados com os valores e a missão da empresa. Este é um desafio da área de recursos humanos que precisa estar conectada aos objetivos estratégicos corporativos. Especificamente, o setor de recrutamento e seleção tem esta nobre missão, filtrar dentre inúmeros candidatos, àquele que mais se adequam ao perfil técnico e comportamental proposto.

A grafologia, neste universo vem contribuir como uma ferramenta de avaliação da personalidade. É através da letra e da simbologia do espaço gráfico que identificamos os traços e suas características correlatas, num universo infundável de significações que se correlacionam

mutuamente. Como menciona XANDRÓ (1998 p. 23): “O limite das possibilidades de interpretação está unicamente nos conhecimentos daquele que executa o trabalho.”, referindo-se ao grafólogo.

Tendo em vista a simplificação da linguagem escrita que é um dos temas deste estudo, ou mesmo a pouca habilidade com a redação manuscrita de textos, é certo mencionar que o ato de escrever é como “andar de bicicleta”, uma vez aprendida e apreendida, está habilidade não se perderá. Assim como quem guia a bicicleta, sem prática, pode se desequilibrar ao subir, pode se perceber um certo desconforto do autor, que não tem o hábito da escrita, nos primeiros parágrafos, mas ao longo do texto esta grafia torna-se mais espontânea, e nela continuarão contidas as particularidades de cada personalidade.

Novas pesquisas acadêmicas poderiam ser realizadas, aprofundando o impacto da tecnologia no processo da escrita, tomando por base, por exemplo, os hábitos dos jovens, que mesmo freqüentando escolas, onde ainda é necessário utilizar a letra manuscrita em provas, redações e produções acadêmicas, utilizam a linguagem simplificada e codificada na interconectividade digital, em suas residências ou estabelecimentos comerciais. Esta pesquisa qualitativa poderia ser segmentada por idade, sexo e escolaridade, visando focar o público alvo.

Outra sugestão é a apresentação de estudos de casos com base em profissionais que com o passar do tempo, adotaram na prática a digitalização ao invés da tradicional letra manuscrita. Comparar o material grafológico em tempos /anos distintos poderá ilustrar de forma prática a evolução ou a involução humana e ainda, pautar estudos sobre a mudança ou não no ato de escrever destes profissionais.

Uma pesquisa quantitativa poderia constatar a importância da grafologia comparada a outras ferramentas utilizadas no processo de recrutamento e seleção de candidatos, traçando inclusive um impacto na taxa de turn-over da empresa.

Com foco na área de educação, uma investigação poderia verificar a influência dos recursos computacionais nas escolas frente ao processo de alfabetização, e suas conseqüências no processo da escrita.

O artigo em questão tem como principal contribuição trazer um espaço para reflexão, acerca da grafologia enquanto ferramenta de avaliação, considerando a escrita, fonte de análise, em um processo de adaptação ao uso da tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maria Aparecida Ferreira. **Psicologia aplicada à Administração: Uma Abordagem Interdisciplinar**. São Paulo, Saraiva, 2006.

AQUINO, Cleber Pinheiro. **Administração de Recursos Humanos: Uma Introdução**. São Paulo: Atlas, 1979.

ARISTÓTELES. **Tópicos I e II: Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BECKER, Brian E. et al. **Gestão Estratégica de Pessoas com Scorecard: Interligando pessoas, estratégia e performance**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BERGAMINI, Cecília W. BERALDO, Deobel G.R. **Avaliação de Desempenho Humano na Empresa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1988.

BOAVENTURA, Souza S. **Um Discurso sobre as Ciências**. Portugal: Afrontamento, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CAMARGO, Paulo Sergio. **O que é Grafologia**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **A Escrita Revela sua Personalidade**. Rio de Janeiro. CEPA, 1997.

_____. **Assinatura e Personalidade**. Rio de Janeiro: P.S. de Camargo, 1998.

_____. **A Grafologia no Recrutamento e Seleção de Pessoal**. São Paulo: Ágora, 1999.

_____. **Grafologia Expressiva**. São Paulo: Ágora, 2006.

CAMARGO, José Henrique Pontes e FERNANDES, Nanci Augusta. **Manual de Gestão de Pessoas e Equipes: Estratégias e Tendências**, volume 2. São Paulo: Gente, 2002.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento Empresarial: como as organizações gerenciam seu capital intelectual.** Rio de Janeiro: Campus, 1998. Apud MOURÃO, Gilnei et al. **A. Gestão Estratégica de Pessoas.** Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedo, Desafio e Descoberta: Subsídios para Utilização e Confeção de Brinquedos.** Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante, 1988.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese.** Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1989.

ENDERLE, Carmen. **Psicologia do Desenvolvimento: O processo evolutivo da Criança.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FAISSAL, Reinaldo et al. **Atração e Seleção de Pessoas.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. **Novo Dicionário Aurélio.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FUJITA, Kátia; GREGORIO, Bernardo L. **Neurofisiologia para Psicólogos.** São Paulo: EPU, 1988.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que Redefine o que é Ser Inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HARPER, Babette et al. **Cuidado, Escola! Desigualdade, Domesticação e Algumas Saídas.** 32 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HONROTH, Curt. A. *Grafología: Reacciones anímicas em el gesto grafoescritural.* 2 ed. Buenos Aires: Troquel, 1967.

LEWIN, Kurt. **Problemas de Dinâmica de Grupo.** São Paulo: Cultrix, 1999. (tradução Miriam Moreira Leite)

MACHADO, Ângelo. **Neuroanatomia Funcional.** São Paulo: Atheneu, 1993.

MARIOTTI, Humberto. **Organizações de Aprendizagem: Educação Continuada e a Empresa do Futuro.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MATOS, Jorge e PORTELA, Vânia. **Talento para a Vida: o que fazer para descobrir e potencializar seus talentos e ter uma vida produtiva e prazerosa.** Rio de Janeiro: Human Learning, 2001

MIRANDA, Danilo Santos. **Ética e Cultura.** São Paulo: Perspectiva: SESC São Paulo, 2004.

PONTES, Benedito, R. **Planejamento, Recrutamento e Seleção de Pessoal**. São Paulo: LTr, 1988.

SANTOS, Cacilda Cuba e LOEVY, Odette Serpa. **Grafologia**. São Paulo: Sarvier, 1987.

SROUR, Robert Henry. **Poder, Cultura e Ética nas Organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

TEILLARD, Ania. *El Alma Y La Escritura*. Madrid: Paraninfo, 1974. (tradução Maria Elina Echevarria).

TEIXEIRA, Gilnei M.; et al. **A Gestão Estratégica de Pessoas**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para Apresentação de Trabalhos**. Curitiba: Ed. De UFPR, 1994.

VAYER, Pierre. **A Criança Diante do Mundo: Na Idade da Aprendizagem Escolar**. Tradução de Maria Aparecida Pabst. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

VELS, Augusto. *Diccionario de Grafologia: Y Términos Psicológicos Afines*. Barcelona: Herder, 1983

_____. **Escrita e Personalidade: As Bases Científicas da Grafologia**. Tradução de Rolando Roque da Silva. São Paulo: Pensamento, 1999.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatório de Pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VROOM, Victor H. **Gestão de Pessoas, não de Pessoal: Os Melhores Métodos de Motivação e Avaliação de Desempenho**. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues e Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

XANDRÓ, Maurício. **Grafologia para Todos**. Tradução de Ruth Rejtman. São Paulo: Ágora, 1998.

_____. **Grafologia Elementar**. Tradução de Rolando Roque da Silva. São Paulo: Pensamento, 1997.

Documentos eletrônicos:

WIKIPÉDIA. **Escrita**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita>>. Acesso em 05 mai. 2007.

FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS. **Escrita**. Lisboa. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/escrita.htm>>. Acesso em 15 set. 2007.

GEOCITIES. **Escrita**. Disponível em : <<http://br.geocities.com/marciobasilio/Escrita.html>>. Acesso em 05 mai. 2007.

ANTONIO, Betina Sguario Moreschi. **Relações de Interdependência entre a Oralidade e a Escrita em um Caso de Afasia**. 2004. Dissertação (apresentada como requisito parcial à obtenção de título de Mestre) - Faculdade de Pós-Graduação em Letras/ Estudos Linguísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Disponível em: <dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/4034/1/Relacoes_de_interdependencia.pdf>. Acesso em 05 mai. 2007.

NEGRÃO, Alexandra Maria Góes et. al. **Neurofisiologia da Linguagem: Como o Cérebro Funciona na Comunicação**. [199-?] Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/103.pdf>. Acesso em 05 mai. 2007.

RODRIGUES, Jorge Nascimento. **O pecado capital do «flatman»**. 2006. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/conteudo.jsp?pagina=colunistas_artigo_corpo&idColuna=923&idColunista=1323>. Acesso em 17 jun. 2007.

MORGADO, Lina. **O lugar do hipertexto na aprendizagem: alguns princípios para a sua concepção**. Departamento de Ciências da Educação da Universidade Aberta. Lisboa, Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/~edc287/t01/textos_doc/13_o_lugar_do_hipertexto_na_aprendizagem_2.doc>. Acesso em 15 set. 2007.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista e ARRUDA, Marina Patrício de. **Da escrita linear à escrita digital: atravessamentos profissionais**. Revista Virtual Textos & Contextos. Nº 2, ano II, dez. 2003. Disponível em: <<http://caioba.pucrs.br/fass/ojs/include/getdoc.php?id=164&article=38&mode=pdf>>. Acesso em 17 set. 2007.

BARBOSA, Ana Cristina Lima Santos. **Leitura e escrita na web**. 2005. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/08.htm>>. Acesso em 17 set. 2007.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, ° 116. São Paulo, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200002&script=sci_arttext&tlng=>>